

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XIII do Tempo Comum Solenidade de S. Pedro e S. Paulo - Ano C - 29.06.2025

1ª leitura – Atos 12, 1-11

Salmo – Salmo 33 (34)

2ª leitura – 2 Timóteo 4, 6-8.17-18

Evangelho – Mateus 16, 13-19

A Igreja celebra, hoje, dois pilares da sua fundação: Pedro e Paulo. Dois homens completamente diferentes, quase opostos no seu temperamento, na sua formação, no seu estilo, mas unidos pelo mesmo Cristo.

Pedro, o pescador da Galileia, impulsivo e frágil; Paulo, o intelectual fariseu, determinado e ardente missionário. Um era homem de poucas letras e o outro um mestre da argumentação. Um representava a fidelidade simples da tradição judaica; o outro, a ousadia do anúncio aos gentios. E, no entanto, foi sobre estes dois homens que Jesus quis edificar a Sua Igreja.

A Palavra de Deus deste Domingo ajuda-nos a conhecê-los melhor:

Mesmo se, à pergunta de Jesus: *“Quem dizeis vós que Eu sou?”*, Pedro responde com fé: *“Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.”* E Jesus proclama: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.”*, de facto, Pedro não é uma rocha por natureza. Duvida, é inconstante e medroso. Negou Jesus três vezes. E, no entanto, é a ele que Cristo entrega as chaves do Reino, porque Deus não escolhe os mais fortes, mas os que se deixam moldar. Pedro é grande não por ser perfeito, mas por ter sido fiel depois da queda.

Paulo começa como inimigo da fé cristã. Persegue a Igreja. Mas Cristo derruba-o do cavalo – literalmente –, quando se encontram no caminho de Damasco. Um encontro que vira tudo do avesso e muda o rumo à vida de Paulo. Não é, pois, a religião, nem a moral, nem a lógica que convertem Paulo: é um encontro. A fé cristã começa sempre num encontro com o Ressuscitado, e não numa ideia.

É por isso que Paulo se torna um incansável missionário. Sofre, é preso, apedrejado, mas não desiste. No fim da vida, escreve: *“Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.”* Não porque ele não falhou, mas porque ele deu tudo, até o fim. Eis a medida da sua vida: não o sucesso, mas a fidelidade.

Pedro e Paulo não são, portanto, heróis no sentido moderno. São homens feridos, imperfeitos, mas tomados pela misericórdia de Deus. São homens marcados pela graça. E é isso que a Igreja é: não um clube de perfeitos, mas uma comunidade de convertidos. Uma Igreja edificada sobre testemunhas feridas. O alicerce da Igreja não está na capacidade humana, mas na promessa de Cristo: *“As portas do Inferno não prevalecerão contra ela.”*

É importante repeti-lo hoje, quando vemos tantas fragilidades na Igreja. Sim, ela é feita de homens e mulheres falíveis, mas é sustentada pela fidelidade de Jesus. A Igreja sobrevive, não porque somos fortes, mas porque Cristo é fiel.

Pedro e Paulo, nas suas fragilidades e méritos, são o modelo para os pastores que a conduzem. Pedro aponta para a unidade da fé – por isso, o Papa. Paulo aponta para a missão – por isso, a uma Igreja em saída, ao encontro de todos e aberta a todos, todos, todos.

Como no domingo passado, recuperemos a pergunta de Jesus e sintamo-la dirigida a nós próprios: *“E vós, quem dizeis que Eu sou?”* Esta não é uma pergunta teórica. É pessoal. A fé não se herda, nem se repete de cor. É uma resposta viva. Quem é Jesus, de facto, para mim? Que lugar ocupa Ele na minha vida?

Pedro e Paulo responderam com a vida. Com as palavras e com o sangue.

Nós, talvez não sejamos chamados ao martírio, mas somos chamados à coerência. A nossa fidelidade quotidiana – na família, no trabalho, nas decisões concretas – é o nosso “sim” a Cristo.

Celebrar Pedro e Paulo é aceitar o desafio de sermos pedras vivas na Igreja de Cristo. É aceitar ser transformado. É aceitar que, mesmo na nossa fraqueza, Deus pode fazer algo grande. Pedro teve medo e caiu. Paulo perseguiu e enganou-se. Mas ambos deixaram-se guiar pela graça.

Que o seu testemunho nos provoque, nos encoraje e nos desperte. Não para admirar apóstolos do passado, mas para sermos discípulos no presente.